

CONSERVADORISMO E PROGRESSISMO NAS LÍNGUAS
PORTUGUESA E ESPANHOLA
por Júlio Rodrigues

É bastante vulgar ouvir-se dizer que o português é entre as línguas românicas aquela que contém em si mais traços latinos, a mais parecida ao latim.

Já João de Barros, Pedro de Magalhães de Gondavo e outros apologistas ao fazerem a apologia da língua portuguesa como a língua superior entre as línguas românicas, baseavam-se no facto de o português ser o mais parecido com o latim visto representar um estado menos corrupto deste.

Em outros termos diríamos que segundo estes autores o português viria a ser a língua românica que menos evolução sofreu, isto é, a mais conservadora.

Entre os filólogos e linguistas modernos as opiniões parecem divergir. Se não são poucos os que consideram a língua portuguesa como a mais conservadora, também não faltam os que vêem nela um estado de evolução mais adiantado do que a espanhola e quase tanto como a francesa.

"O carácter conservador do português é evidente para toda uma série de fenómenos", escreve Harri Meier. Por seu lado Manuel Joaquim Delgado afirma: "Do confronto do vocabulário espanhol com o latim e o português podemos concluir peremptoriamente representar a nossa língua (a portuguesa) um estado de evolução mais adiantado, no tempo e no espaço, que a língua espanhola".

Eu não me considero quem para pretender apresentar aqui uma solução ao problema. Por isso mais que isso proponho-me fazer uma análise dos traços comuns e divergentes das duas línguas e confrontá-las com o latim.

E o que à primeira vista se pode compreender é que mais que elementos divergentes há elementos comuns às duas línguas. Um português e um espanhol poderão entender-se regularmente falando cada um a sua própria língua, não acontecendo o mesmo a um português e um francês ou um espanhol e um francês.

No Japão de hoje a maioria das pessoas possuem uma ideia, ainda que vaga, do que é o francês, ideia essa que pode provir apenas das "chansons" ou de outras frases que se tornaram moda no Japão. Pelo menos não são poucos os que embora não saibam uma palavra única de francês, saibam distingui-lo do inglês, pelo ritmo, pela sonorização das vogais, etc. E não é raro dizerem-me quando eu lhes ensino algumas expressões portuguesas "é muito parecido ao francês". Se bem que sem valor científico, não julgo esta anotação totalmente desvalorizada no sentido em que as línguas portuguesa e francesa contêm em si semelhanças de ritmo e de sonorização das vogais.

Porquê estes pontos comuns e estas divergências?

Filologia do século XIX - Os estudos românicos começaram por assim dizer nos princípios do séc. XIX. Foi Friedrich Diez (1794-1876) quem nos seus três volumes de Grammatik der Romanischen Sprachen publicados entre 1836-43 aplicou à filologia românica o método comparativo de Franz Bopp e o método histórico de Jakob Grimm. Estava criada a ciência da filologia românica.

Durante o séc. XIX a filologia românica chegou às seguintes conclusões:

a) As línguas românicas provêm do latim vulgar, do povo, dos comerciantes e dos soldados.

b) O latim tornou-se a língua do Grande Império Romano e criou-se então uma unidade linguística. Divergências existentes são devidas a tempos posteriores à queda do Império. No que diz respeito à Península Ibérica, W. Von

Vartburg chega a afirmar que esta unidade linguística durou até ao séc. X.

c) Afirma-se, contudo, que se pode dividir a România já desde o séc. IV em duas partes: a ocidental e a oriental. Nesta enquadravam-se a Itália e os Bálcans e naquela a Gália e a Ibéria. Como características diferenciadoras principais podemos apontar as seguintes:

1- O italiano e o romeno formam o plural dos substantivos tomando-o do nominativo plural latino em I ou ae, enquanto que a ocidental se formou do acusativo do plural em s. Assim para o português cabras temos cabre no italiano. Para o português campos temos campi em italiano.

2. A România Oriental conserva as consoantes mudas intervocálicas P,T,K, ao contrário da România Ocidental que as sonoriza para B,D.

Assim na România Oriental conservou-se o p em sapere e o t em mutare, ao passo que a ocidental evoluiu para saber e mudar.

3- Na România Oriental conservou-se a fricativa s intervocálica.

Porém estas diferenças que já se notavam no século IV não afectavam, diziam os filólogos romanistas do século XIX, a unidade linguística da Península Ibérica. As diferenças actuais que se observam nas línguas ibéricas deverão ser explicadas pelos acontecimentos que se seguiram à Reconquista.

Esta unidade foi, contudo, posta em dúvida há anos por vários filólogos, dentre eles o ilustre filólogo Ramón Menéndez Pidal no seu livro "Orígenes del Español".

Mas parece ser um facto comum o definirem o latim hispânico de conservador, aspecto este que se manifesta em muitos pontos. O advérbio demagis que só se encontra em

Lucílio conserva-se ainda no português demais e no espanhol demás. O verbo fabulari, muito em uso no séc. II à.C., cai em desuso e é evitado por Cícero e César, mas permanece vivo no port. falar e no esp. hablar enquanto que o francês e o it. adoptam parler e parlare respectivamente provenientes de um verbo posterior parlare. O mesmo se poderia dizer de percontari (port. perguntar, esp. preguntar), quaerere (port. e sev. querer, contraposto ao fr. vouloir).

São várias as hipóteses que se têm apresentado para explicar este carácter conservador do latim hispânico. Aduzem-se factores como o ser a Hispânia uma das províncias romanas mais antigas, o ficar na periferia do Império, o ser uma região montanhosa de acesso difícil, numa palavra, o estar afastada do embate das diversas correntes culturais e intelectuais que tinham o centro no outro lado dos Pirinéus.

Talvez isto seja certo, mas também não é menos certo o poder-se afirmar que a Hispânia deu à luz figuras como Séneca, Luciano, Quintiliano, Marcial, Pompónio Mela, Columela, etc. O latim falado então na Hispânia era mais correcto - dizia-se - do que o falado no Lácio. Por correcto quer-se dizer aqui mais de acordo com os moldes clássicos. Será isto influência da escola? - Parece que sim. Ao Sul da Península Ibérica floresceu no tempo do Império Romano um grande centro de cultura com o seu grande número de escolas. É neste ambiente escolar e de respeito e cultivo dos autores clássicos que talvez se possa explicar o carácter conservador do latim hispânico.

Se bem que o aspecto conservador do latim hispânico seja comumente aceite, já o não é a unidade linguística de toda a Hispânia.

Para já não falar da influência dos substratos das

línguas prè-românicas, pois nesse campo os estudos pouco têm avançado, limitar-me-ei a estudar a evolução político-socio-cultural da Hispânia.

A IBÉRIA ROMANA

Logo que os romanos conquistaram a Hispânia a primeira coisa que fizeram foi dividi-la em duas províncias: Citerior e Ulterior. A Ulterior veio a compreender a Estremadura Espanhola, Portugal e uma parte da Espanha Ocidental. A Citerior, o resto.

No tempo de Augusto a Ulterior subdividiu-se ainda em Bética Andaluza e Lusitânia, ao mesmo tempo que a Citerior chega também a dividir-se em Tarraconense, Cartaginense e Galécia.

Esta divisão administrativa leva consigo uma duplicidade de correntes culturais. E para já a Ulterior apresenta-se mais cidadina, mais letrada. A Citerior mais camponesa, mais agrícola e mais militar.

A uma sociedade com maior grau de cultura corresponde linguisticamente uma forma mais conservadora no vocabulário e na gramática. E foi o que aconteceu: a Ulterior com um latim mais conservador e a citerior mais progressista (até certo ponto menos correcto, diga-se).

A Cantábria, berço da língua que mais tarde vai ser identificada como "espanhol", foi conquistada pela Citerior inicialmente, mas participou como também a Galiza da corrente de romanização vinda da Ulterior. O português e o espanhol actuais têm assim como base comum o terem recebido a mesma onda de romanização. Esta unidade vai receber o primeiro choque não depois do séc. X mas já com as invasões visigóticas e sobretudo árabes.

Durante as invasões árabes os inconformáveis refugiaram-se nas Astúrias. Entre a Galiza e a Cantábria levantou-se assim um bloco, o das Astúrias. E durante

este período surgem modificações dignas de relevo em cada região. A Cantábria mostra-se, contudo, a mais progressista, seguida da Galiza e esta das Astúrias.

1- Principais modificações verificadas durante a época romana.

Hispanis Ulterior

Citerior

- | | |
|---|---|
| a) conservação do grupo consonântico <u>mb</u> | Simplificação de <u>mb</u> em <u>m</u> . |
| b) O " <u>o</u> " final muda para " <u>u</u> ".
(port <u>o</u> em português soa port <u>u</u>). | Conservação do "o" final. |
| c) Conservação dos ditongos <u>au</u> , <u>ei</u> , <u>ai</u> . | Os ditongos <u>ai</u> , <u>ei</u> , mudam para <u>e</u> . |
| d) O ditongo <u>au</u> mantém-se na forma <u>ou</u> . | Evolui para <u>o</u> . |

2- Principais modificações durante as invasões visigóticas e árabes.

Galiza

Cantábria Cantábria

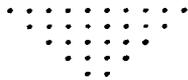
- | | |
|---|--|
| a) O <u>cl</u> (ex. <u>clavem</u>) transformou-se em <u>ç</u> (port. chorar, chover, cheio) | O <u>cl</u> transformou-se em <u>l'</u> (lh)(esp. <u>llorar</u> , <u>llover</u> , <u>lleno</u>) |
| b) mantém-se o <u>it</u> proveniente dos <u>ct</u> e <u>lt</u> latinos.
(port. oito, muito) | Evolui para <u>c</u> .
(esp. mucho, ocho) |
| c) Simplificou-se o <u>mn</u> em <u>m</u> .
(port. <u>hominem</u> > <u>homnem</u> > <u>homem</u>) | Esp. <u>hombre</u> |
| d) perdeu as duas consoantes <u>n</u> e <u>l</u> entre vogais.
(port. <u>luna</u> > <u>lua</u>
<u>balu</u> > <u>pau</u>) | esp. <u>luna</u> |

Da Galiza e do Norte de Portugal vai nascer o português. Depois da Reconquista os povos da Galiza e do Norte vão indo para o Sul. A sua língua impõe-se, mas não deixam de receber a influência dos povos do Sul. É daqui que se origina o português.

O espanhol evolui de um modo diferente. Originário da Cantábria recebeu a influência do latim conservador da Hispânia Ulterior como o português. Começou a seguir o seu caminho próprio com as invasões visigóticas, acentua-se com a criação do Reino das Astúrias. Os séculos IX e X despertam-lhe a ambição de domínio e começa a estender-se para o sul. É neste momento que se regista um dos passos mais importantes na história da língua espanhola: o choque da língua da Cantábria (influenciada pela Ulterior) com a língua dos novos vencidos (latim da Citerior).

O que se verifica aqui é uma espécie de intercâmbio linguístico. Os vencedores da Cantábria adoptam os câmbios da Citerior (lamer, poco, enero)(port. lamber, pouco, janeiro) e os vencidos adoptam as transformações típicas da Cantábria (llave, hacer, hecho)(port. chave, fazer, feito).

Nesta fase podemos considerar o espanhol mais progressista do que o português na medida em que fundiu em si os dois latins e o português apenas recebeu o latim da Ulterior de carácter conservador.



Se examinarmos o estado actual do português e do espanhol podemos afirmar que o português é conservador e o espanhol progressista?

- Vejamos mais algumas expressões:

1. O s intervocálico ou final de palavra conserva o som sibilante no espanhol, mas não em português que soa z.

Ex: Latim casa; esp. casa, port. casa (pronúncia z)
lat. hermosus, esp. hermoso, port. formoso (z)

2. O espanhol conserva as terminações latinas ace, ice, oce, enquanto que o port. as reduz para z.

Ex: capace > capaz

Una passou para ũa no port. arcaico e daí para o actual uma.

d) sonorização

<u>lat.</u>	<u>esp.</u>	<u>port.</u>
luna	luna > lũa (arc.)	lua
ponere	poner > põer > poer >	pôr

e) queda

dolore(m)	dolor > door(arc.)	> dôr
colore(m)	color > coor(arc.)	> côr

f) assimilação progressiva

nostru(m)	nostro	nosso
-----------	--------	-------

6. As terminações latinas one dos nomes deu em port. ão, em esp. ón. No plural deu ões em port., enquanto que no espanhol se encontra a terminação latina ones.

7. A terminação ales dos nomes deu em port. ais, e em esp. ales. animais em latim e esp., animais em português.

8. A terminação ena deu eia em port., e em esp. ena. vena em lat. e em esp., veia em port.

cadena em esp. do latim catena. Cadeia em português. O latim catena recebeu as seguintes modificações em português:

catena > cadena (rom.Oc.) > cadea > cadeia.



Que é que se poderia concluir daqui?

- Que tanto o português como o espanhol tiveram uma primeira fase conservadora devido à influência da Hispânia Ulterior.

Houve uma segunda fase progressista para a Cantábria e para a Galiza, regiões donde nascerão o espanhol e o português respectivamente.

Houve também uma terceira fase em que sobretudo por

parte do espanhol foi significativa: aceitação da maior parte das modificações que se tinham originado na Citerior.

E porque não mencionar uma quarta fase? A mim dá-me a impressão que o espanhol evoluciona muito pouco depois do séc. X. Neste ponto o português mostra-se bem mais progressista de tal modo que vistas hoje as duas línguas o espanhol contém em si mais classicismos puros e mais arcaísmos do que o português.

Eis alguns:

<u>Esp.</u>	<u>Port.</u>
fieles	fieis
canciones	canções
perfecta	perfeita
colores	cores
venir	vir
defensa	defesa
corona	coroa
tales	tais
persona	pessoa
venas	veias
terrible	terrível
solo	só
columna	coluna
mañana	manhã
llena	cheia
polvo	pó
padre	pai
madre	mãe

Padre, madre, poner, pan, iba, color, etc.... são perfeitos arcaísmos em português.

Não será daqui que pessoas que nada compreendem de linguística digam que o português se parece com o francês?

.....

Bibliografia

- BOLEO, lições de Filologia Portuguesa, 1.a parte.
- VASCONCELOS, Lições de Filologia Portuguesa, quarta ed.,
Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1966.
- NETO, Serafim da Silva, História da Língua Portuguesa, 2.a
ed. aumentada, Livros de Portugal, Rio de Janeiro,
1970.
- IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA ROMANICA,
Actas I,II,III, Centros de Estudos Filológicos,
Lisboa, 1961-1962.
- BUENO, Silveira, Estudos de Filologia Portuguesa, Edição
Saraiva, sexta ed., São Paulo, 1967.
- PIDAL, Menendez, Origenes del Español, 3.a ed., Madrid,
1950.
- WILLIAMS, Edwin B., Do Latim ao Português dentro do quadro
das línguas ibero-românicas, Separata de "BIBLOS",
Vol. XVIII, tomo II, 1943.